

Renato Suttana

A lógica do dia

o arquivo de
Renato Suttana

http://www.arquivors.com/renato_alogicadodia.pdf

2016

Copyright © Renato Suttana, 2016

Todos os direitos reservados em língua portuguesa.

A distribuição deste livro é gratuita e se destina ao uso privado. A obra escrita nele contida não poderá ser adulterada ou reproduzida, no todo ou em parte, para quaisquer fins que não o especificado, sem o prévio consentimento de seu autor.

Publicado por
O Arquivo de Renato Suttana

Link para este livro eletrônico:
http://www.arquivors.com/renato_alogicadodia.pdf

“O que eram, diante deste, os pequenos perigos sobre os quais passei o tempo pensando? Será que eu esperava, como proprietário da construção, ter supremacia sobre todo aquele que se aproximava? Justamente por ser possuidor desta obra suscetível é que eu permaneci inerte contra qualquer ataque mais sério. A felicidade da posse me estragou, a vulnerabilidade da construção me tornou vulnerável, os ferimentos dela me doeram como se fossem meus.”

(Franz Kafka, *A construção*. Trad. de Modesto Carone)

Sumário

| | |
|-------------|----|
| I..... | 7 |
| II..... | 8 |
| III..... | 9 |
| IV..... | 10 |
| V..... | 11 |
| VI..... | 12 |
| VII..... | 13 |
| VIII..... | 14 |
| IX..... | 15 |
| X..... | 16 |
| XI..... | 17 |
| XII..... | 18 |
| XIII..... | 19 |
| XIV..... | 20 |
| XV..... | 21 |
| XVI..... | 22 |
| XVII..... | 23 |
| XVIII..... | 24 |
| XIX..... | 25 |
| XX..... | 26 |
| XXI..... | 27 |
| XXII..... | 28 |
| XXIII..... | 29 |
| XXIV..... | 30 |
| XXV..... | 31 |
| XXVI..... | 32 |
| XXVII..... | 33 |
| XXVIII..... | 34 |
| XXIX..... | 35 |
| XXX..... | 36 |
| XXXI..... | 37 |
| XXXII..... | 38 |

| | |
|--------------------|----|
| XXXIII..... | 39 |
| XXXIV..... | 40 |
| XXXV..... | 41 |
| XXXVI..... | 42 |
| XXXVII..... | 43 |
| XXXVIII..... | 44 |
| XXXIX..... | 45 |
| XL..... | 46 |
| XLI..... | 47 |
| XLII..... | 48 |
| XLIII..... | 49 |
| XLIV..... | 50 |
| XLV..... | 51 |
| XLVI..... | 52 |
| XLVII..... | 53 |
| XLVIII..... | 54 |
| XLIX..... | 55 |
| L..... | 56 |
| Sobre o Autor..... | 57 |

I

Na noite em que há só frio, em que a ternura
se dissolveu em névoa de incerteza,
em que o medo assomou de uma fundura,
arrepanhando em nós alma e afoiteza;

em que o desejo de asa e de espessura
que nos fez perseguir alguma presa
no dia inteiro feito de surpresa
(de um azul hibernal que não perdura) —

posso ao menos, dormindo, descansar
de ter brandido ao sol minha ambição
de ser *alguém* e de ir a algum lugar:

posso, em paz, desistir da pretensão
de desvendar, à luz de um tal degredo,
isto que não é enigma nem segredo.



Quero a cor desse dia (este cinzento
não convém ao meu erro, à minha mágoa
acrescentada em negro e pensamento,
como uma chuva, um escoar-se de água

no silêncio deserto); quero a luz
que dá contorno e forma, a claridade
de um limite medido na verdade,
mas que o meu ser noturno não traduz.

Não quero só vagar na parte escura
e a lentidão das horas: a procura
sem porto de chegada; mas a cor

de uma aurora (não isto) em que desperto
e sou nítido nela, e extremo, e certo —
eu mesmo ou outro, seja como for.



Impossível é ser, acontecer
quanto o meu olho pede e a luz, avara,
não permite mostrar-se ao que for *ver*,
no tempo que desterra e desampara.

Caminho entre as colunas; e me aclara,
na confusão que intento desfazer
(numa espécie de breu onde a luz para),
só um sol interior, que é ansiar e crer.

E não chego ao extremo do jardim,
onde existe um portão, nem o ultrapasso,
na inconsistência de avançar assim, —

que impossível é ser, tentar no escuro
da vasta claridade aquele passo
que me conduza ao fogo do futuro.

IV

Despeço-me da coisa que não tive
no dia que passou, geral, profundo;
despeço-me, impreciso, e então me afundo
numa lembrança que me sobrevive.

Sou o naufrago à espera de um socorro
que não virá no escuro ou que, se vier,
ele há de rejeitar como um qualquer,
como uma água se esgota após o jorro.

Tento ser verdadeiro, sustentar
uma atitude nítida na sombra
mas sou eu mesmo a *sombra*, eu mesmo o *mar*.

Digo adeus à quimera em que me ardi,
que não firmei, não afirmei ali —
e tal dizer só me confunde e assombra.

V

Que haja encontrar o brilho. Que haja, após
o segredo do escuro, o peso dele,
seu não-saber, seu avançar imbele
(em que tanto se quis e se supôs) —

complemento e chegada; que haja o voo
do pássaro pensado, a nitidez
do seu contorno de ar, que não se fez
das surpresas que a noite renegou,

mas dos escombros dela: a claridade
que a manhã derramou sobre a cidade
(como uma água lustral); e não o tido

em que o olhar se demora, inconsistente,
a pesquisar a sombra lentamente
à procura de *coisa* e de *sentido*.

VI

Aonde vais, o que queres, o que pensas?
Por que palpitas tão sobressaltada
no começo febril da madrugada,
sob ondas de emoção rubras, intensas?

Por que trazes as asas já suspensas —
como se a rota (que nem foi traçada)
já estivesse em teu olho iluminada,
para alcançar as vastidões imensas:

para levar-te à meta que no espaço
não é senão um compromisso lasso,
um cálculo inexato da intenção? —

Aonde vais, tão ardente, tão desperta,
como se houvesse alguma porta aberta
e o vento fosse rumo e direção?

VII

Concessões ao sentido — convulsões
por fora da verdade, enquanto o dia
se desenrola em múltiplo e porfia,
indiferente ao pasmo e às flutuações;

imprecisões numa periferia
da agudeza sem jaça nem senões:
e ficar à mercê das virações,
como quem não tem bússola nem guia.

(E assim, difusamente, perseguir
no emaranhado da hora uma ave esquiva
que está sempre a escapar, sempre a fugir.)

Concessões ao sentido: e uma vontade
de alcançar um limite sem verdade,
que entre as sombras é fuga, asa e deriva.

VIII

Neutro, incerto oscilar, vago pender
à beira de um abismo, sem certeza
de encontrar, de poder, de conhecer
(que nos daria sol e fortaleza);

lento tatear às cegas, sem saber
que a fundura sondada nos despreza
(e nos escapa onde pensamos ver
com uma luz de invenção), e então surpresa;

cego e obscuro avançar, que nada alcança
quando chega ao seu término: e o fastio
que não nos pesa ou custa, mas nos cansa

como cansa perder o que nos tira —
doida ilusão de espaço a que se atira
nossa fome de estrela e desvario.

IX

Nasce o dia e seu carro — porém no hoje
nossa intenção de prêmio, nosso esquivo
pugnar por uma prenda, que nos foge,
nosso arder peregrino e fugitivo

se dispersa em excesso e distração,
se dispersa no embate que o consoma
(sem certeza de meta que o resuma),
por incapaz de estar na direção.

E depois vem a noite, escura e lenta,
toda insônia e inquietude e tumultuada
do enxame de aflições que a alma se inventa. —

E, quando surge a aurora, além da estrada,
no corpo da paisagem ressuscita
uma coisa de nós distante e aflita.

X

Eu sempre delirante, eu sempre errado,
eu sempre a perseguir ínvios caminhos,
para chegar aonde não fui chamado,
ferindo-me entre as pedras e os espinhos;

eu, que fui — como vão os mais sozinhos —
em demanda de um norte assinalado,
entre ambições, entre tufões, cadinhos,
não me importando não o ter provado;

eu sempre a derrapar na superfície,
como quem só por fora progredisse
do círculo de engano que o contenha;

como quem procurasse exteriormente
ao sentido do gesto em que se empenha
o sentido do gesto em que se mente.

XI

Depois que passa o tempo em que foi chama
o que em mim foi desejo e devoção,
e se transforma em pó minha emoção,
e uma água de incerteza se derrama;

depois que passa o instante em que se inflama
minha ansiedade rútila de ação,
e a própria primavera é cinza e chão —
meu olho ainda procura, sobre a lama,

um indício da joia — hoje destroço —
que o moveu à pirueta, ao salto ousado
e agora é só a lembrança de o ter dado

(baça e sem pretensão de ser em mim
a não ser um fragmento, um trapo, um osso,
um pobre cão vadio ou algo assim).

XII

Para dormir, esqueço. E o esquecimento
cava um fosso em janeiro, multiplica
minha sombra em excessos, me duplica
numa vertigem de asa e movimento:

me alivia de espera e pensamento,
salvando-me do peso que me fica
de cada coisa que o desejo indica —
seja meta, ou caminho, seja intento.

Afundo-me em distância — em não estar
presente à lucidez que em mim se afirma,
no arremedo do embate, sem lograr,

que só no indefinido se confirma. —
E torno-me, na ausência, o que pensei,
sem poder me alcançar no que alcancei.

XIII

Não quero mais a coisa — a pista, a prova —
em meu sopro deserto e sem sossego:
a inquietação que nela se renova,
seu sentido de argúcia, seu ofego.

Não quero o ardor que há nela, o dente cego
a procurar-me à noite, quando chova;
nem a ilusão de achá-la, a que me entrego,
como um ramo que o vento esgalhe e mova.

Quero estancar assim — parado, ralo,
frente ao muro do intuito, que me cansa
antes mesmo da ideia de escalá-lo:

e o moroso descer que se consuma
na iminência de abismo em que balança
a estrutura do instante, que o resuma.

XIV

Fora disso não sou, não aconteço,
não domino, não posso, não existo:
sou exterior a tudo em que consisto,
ao fracasso da luz em que amanheço;

não me logro em saber, não me conheço
senão quando não vou, quando desisto,
quando a meta faliu, e não insisto,
chegado ao meu desfecho, onde começo.

Fora disso dissipo; e só fracasso,
seja no esforço de cruzar o espaço,
seja em querer o que já foi tomado:

não supero, não toco, e apenas paro
diante da enormidade do anteparo —
e é como se o tivesse ultrapassado.

XV

Disco do sol no ocaso — a testemunha
lenta do fim do dia, a confirmar
que já me acostumei a naufragar
e que nada acabou como eu supunha.

Olho de chama aceso sobre a tarde
a dizer-me que a noite se avizinha
e que a ansiedade vã que me sustinha
já não é pressa e ardor, mas só retarde.

Coisa de luz que vejo escuramente,
suspensa em plena tarde, indiferente
ao fervor da batalha que findou:

a dizer-me que aquilo a que me aplico
na escuridade da ação que multiplico
não tem sentido ou norte no meu voo.

XVI

Prolixo e vago, o pensamento quer achar
um fundo que não vê e que não lhe concerne;
quer, como um cego que tateia, recavar
um solo de silêncio à procura do cerne

(embora ignore, na cegueira, o que procura —
o ouro que busca, assim cavando, sem saber
que é do muito cavar que lhe vem a madura
suspeita de que está sempre a retroceder).

Ambicioso de porto e ávido de chegada,
alarga ao seu redor um círculo de poeira,
que é mais deserto quanto mais se abre a laçada,

quanto mais tênue seja o fio que o conduz:
vai perquirindo, como quem sabe a maneira,
como quem tem o mapa e o escruta sob a luz.

XVII

A lógica do dia me destroça,
me comprime, me força a desistir;
não me permite ousar nem persistir,
nem empreender o que meu sonho esboça;

me leva ao fim da rua e ali me acossa
contra o muro da urgência, a me oprimir
entre nós que não ousou dirimir,
que não dirimirei, mesmo que possa.

Força o meu coração a estar vazio
antes que a noite venha e traga o fio
da fadiga, lembrando-me que paro,

que não avanço para além do escuro
onde medra a semente do futuro —
presa a um solo de espera e desamparo.

XVIII

Foi à noite. Sonhei que acontecia
em plena confusão do pensamento
um evento qualquer que o esclarecia,
que dissipava a névoa do momento;

que em meio à claridade em que eu podia,
em que o meu passo complicado e lento
se tornava mais presto e turbulento,
meu olho mais agudo (e assim me via),

se deflagrava uma acuidade nova,
que eu nunca tinha visto, mas intuía,
da qual o sonho era o sentido e a prova. —

Sonhei que a coisa clara, em meio ao drama,
se iluminava e se tornava chama,
vencendo a bruma do erro e da mentira.

XIX

Injustiça das horas. Pensamentos transformados em formas e paisagens — e para além o cerco das miragens, que nos trava na curva dos momentos.

Desatenção das chuvas e dos ventos com que julho se finge, entre engrenagens; e sempre fazer sol noutras paragens, aonde não chegam nossos argumentos.

Desespero dos dias a contar um tesouro de tédios e fraquezas, que não se pode dissipar, adiar. —

Injustiça das horas que se vão fugindo lentamente em direção a algum país das nossas incertezas.

XX

Vasto e lento — existir, vasto pender
à beira de um abismo, na estreiteza
de cada pensamento a se estender
sobre o que em nós é fluxo e correnteza;

dúbio anseio de porto e fortaleza,
de um abrigo na sombra onde esquecer
a intenção da jornada, que ainda pesa
na memória esquecida de a perder;

neutra forma de ser, sem ser no dia
senão algum fantasma, algum indício
que nunca teve preço ou serventia:

lento passar que retrocede ou para,
que não progride e é sempre estar no início
(como uma flecha que arco algum dispara).

XXI

Vou no agora e vou cego, às arrecuas,
na inepta pretensão de progredir.
Quanto há de tempo em mim não conto em luas,
nem tenho pressa alguma de atingir.

Quando penso em ficar ou resistir
à dentada sutil das horas cruas,
não sou eu quem o possa decidir
(e direções não há mais que uma ou duas).

Desço apenas — qualquer — pelos instantes,
como quem desce pela correnteza
em busca de algum Norte ou Sul distantes.

(E o país que procuro é um mero acaso
com que deparo, entre a manhã e o ocaso,
vogando assim, sem mapa nem clareza.)

XXII

Não havia metáfora para isto,
para este sentimento definido
de que escavo, resvalo e não existo —
girando na iminência do perdido.

A ilusão que me vem de que progrido
surge talvez do naco de imprevisto
que ao arranhar a crosta do vivido
tomo às vezes por novo e por não-visto. —

Mas a palavra com que quero dar
o sentimento desta inconsistência
e do incessante arder sem avançar

nunca existiu na voz com que a enuncio:
nem no padrão constante em que me adio
e em que sou, dito, falha e desistência.

XXIII

Se dormiste ou se não, já não importa.
O dia aconteceu negro e tristonho,
estrangulando o que foi sal e sonho
numa esperança tua agora morta.

Se pudeste ou se não, se foi risonho
teu avançar no escuro até a porta,
se o que foi teu desejo e a luz aborta
te sustentou no carnaval medonho,

te serviu de suporte, te ancorou
quando a maré do engano se elevou —
não importa, não conta. — Se entre preces

venceste, duro, atravessando-o a nado,
um oceano de dúvida e cuidado —
não importa no fluxo, em que arrefeces.

XXIV

Pergunto à noite escura o que sonhar,
e me chega da noite tenebrosa
uma resposta lenta e silenciosa
que não contém o enigma a decifrar.

Se penso em persistir, em conquistar
uma nesga, um faixa luminosa
na confusão da insônia tumultuosa,
onde, esquivo de mim, possa parar,

a resposta que encontro e não procuro,
escavando a promessa do futuro,
é o próprio ser da sombra manifesto:

quando tento agarrá-la e me levanto,
se agita ao meu redor o mar do espanto,
onde afundo, vencido, sem protesto.

XXV

Embora seja assim, complexo e inadequado,
o modo como a minha vida se resolve,
já não procuro aquela água em que se dissolve
a angústia vã de não ter visto nem tentado.

Já não me entrego àquele inábil devaneio
(nem ao consolo que nos vem do pensamento)
de que a um respiro do ar, a um suspiro do vento
o espinho do que foi se partiria ao meio. —

Contento-me de estar olhando a onda que foge,
como uma inquietação ou um despeito de hoje,
sem nada me tolher do nada que me trouxe.

Miro a distância, e pasmo, inquieto de uma sombra
que há de vir e turvar meu olho que se assombra
num movimento suave — amargo, e entanto doce.

XXVI

Deveria haver sol no nosso pasmo,
e no entanto o visível nos esfria,
lança um brilho hibernal sobre a vazia
face do instante, e a agita, num espasmo:

empobrece-nos só de um entusiasmo
que nos traz o perigo e nos desvia,
que ofusca a doida estrela que nos guia
por onde tudo é fuga, erro e sarcasmo.

Deveria haver sol numa outra parte
onde houvesse manhã e ter falhado
amanhecesse entre os consolos da arte:

e não (sempre) a fadiga que antecipa
uma espessura em nós de indesejado,
como névoa que a brisa não dissipa.

XXVII

Gosto suave de nada que se perde
no perder-se da tarde; e um impreciso
voo de ave entre o insípido e o indeciso
(como um mover-se de água entre o ermo e o verde);

ou haver desejado o indefinido
em plena claridade (à luz do dia —
cálida cor sobre a obstrução vazia
daquilo que não tem forma ou sentido) —

e ter chegado ao quase-acontecer
antes do ocaso e antes do anoitecer
(como um pássaro ao morno do seu ninho):

e descer à deriva para o sono,
na inconsequência neutra do abandono,
que se reverte em solução, caminho.

XXVIII

E o país que procuro, num ocaso,
vogando assim, sem mapa nem certeza,
sempre o encontro na curva de um acaso
que me trouxe o roldão da correnteza:

encontro-o numa ideia de beleza
que descubro, pasmado, com atraso,
numa chama sonhada, sempre acesa
sobre o gelo e a abrasão do meu desazo.

O país que procuro e que me foge
como me foge o pensamento de hoje,
esgarçado no atol do que ficou,

existe numa ideia de alcançá-lo,
cruzando entre as distâncias o intervalo
que me separa dele e de quem sou.

XXIX

Desencanto das horas. Pensamentos transformados em pedras e miragens — e para além o verde das paisagens, que nos atrai no voo dos momentos.

Impiedade das águas, dos eventos em que tudo se finge: as engrenagens de sempre fazer sol noutras paragens, mas lá não vigem nossos argumentos.

Desencanto dos dias, e contar um tesouro de tédios e fraquezas, que se deve sofrer, acumular. —

Injustiça do espanto em que se vão fugindo lentamente água e razão no ermo país das nulas afoitezas.

XXX

E pedir à quimera que forneça
um naco de sentido à fantasia
de conquistar, na escura luz do dia,
uma glória que o esforço não conheça;

que seja, na efusão do que amanheça —
para além da evidência que desvia,
das fadigas em que o ânimo se esfria —,
uma coisa de luz que não feneça.

Pedir ao impossível uma pista,
ao improvável uma nitidez
que justifique o empenho da conquista:

que justifique a insipidez de errar
à procura de um norte, de um lugar,
de um porto aonde se torne a cada vez.

XXXI

Canso-me de existir na parte escura,
de avançar (e gemer) aos tropeções.
Canso-me deste jogo de clarões
que nunca me iluminam na procura:

que não podem vencer esta espessura
de portos, tempestades, de monções,
de equilibrar-me sobre vagalhões,
no frio medo do que a meta augura.

Canso-me de afundar a cada passo
num abismo de espuma e de sargaço,
que são certezas mortas na agonia:

da névoa que me embaça o pensamento
quanto mais cai a chuva e sopra o vento
contra o trapo de ideia que me guia.

XXXII

Este peso de luz que me sustenta
num extremo de dúvida e miséria,
que põe na minha vida erma e cinzenta
seu conceito de cor, sua matéria,

às vezes — quando o vento sopra forte
e a confusão recresce no que penso —
oscila entre o que valha, entre o que importe,
girando em falso sobre um mar imenso

de tentativas falhas, de sabores
que o tempo desgastou, sem ter salvado
uma parte sequer daquelas cores

que foram luminosas no passado. —
E às vezes se desloca e me trepida
no centro todo breu da minha vida.

XXXIII

Existo antes do tempo, como existe
o dia ao meu redor: seu brilho agudo,
sua presença sem contorno e estudo
que lança em meu olhar um dardo triste.

Existo aquém de mim, completo e mudo,
como um fantasma breve que desiste,
uma asa entregue ao ar, que não insiste,
ao ar que é tumultuoso e vence tudo.

Cansado de *ter sido*, de avançar
para onde ainda hei de ser ou de alcançar,
deponho aos pés do rei minha armadura:

e existo como um vento quando cessa,
como uma hora que passa e não tem pressa,
que sempre chega e é sempre hora futura.

XXXIV

A cada instante em nulo me acrescento,
como se de não ser me acrescentasse.
E a efusão da tarefa que apascento,
que dá luz e contorno à minha face,

é como se eu a visse ou a sonhasse
num castelo outonal do meu intento —
e aquele pássaro que em mim renasce
nasce do que foi sol no pensamento.

A cada instante em neutro me aproximo
daquele que, sonhado num deserto,
vem ser manhã em mim, onde me exprimo:

vem acender a lâmpada do dia
agradecido e puro, que me guia
da escuridão da noite ao norte incerto.

XXXV

A noite não foi longa, não foi breve:
foi apenas a noite que cruzei,
como um escuro mar que naveguei,
no encalço da visão, que me susteve.

(Era de ouro a visão que o sonho teve,
acesa sobre a treva que encurtei:
de uma insônia em que, ardendo, me inventei
superior à fadiga e à sua neve.)

Não foi longa nem breve e só durou
pelo tempo da espera e da inquietude
em que a asa do desejo se agitou:

em que aspirar foi luz e foi sentido,
e havia, ao fundo, um porto definido
como um norte que a treva em nós ilude.

XXXVI

Teu monótono e velho acontecer,
ó tarde deste outubro tão chuvoso,
nada pode me dar nem me crescer;
nem me torna mais triste, nem ditoso:

não faz outro de mim, completo e ocioso,
na véspera auroral do acontecer:
a acompanhar o curso sinuoso
de algum rio que desce à foz do ser.

Não me acrescenta, túrbido, nublado
de teu ser incessante, persistente,
qualquer coisa que mude o meu estado:

que me faça empreender a obscura ação
de vencer a sombria quietação
em que *sou eu* naufraga escuramente.

XXXVII

Existo em outro nível; e no entanto
não sei sequer quem sou sobre o intervalo.
Quando a gana me vem de ultrapassá-lo
e de ser mais que eu-mesmo em meu espanto,

uma espécie de muro (ou de quebranto),
que me retém na sombra, onde resvalo,
cancela o meu projeto de saltá-lo,
degradando a intenção em desencanto.

Existo aquém de mim, sem me alcançar
numa forma qualquer de pensamento —
convertido em acaso ou no limiar

que não me leva ao núcleo do que invento:
e obrigado a existir exteriormente
a toda forma em que eu me exprima e tente.

XXXVIII

Que quero da evidência, que pretendo?
Disperso, e só fracasso, ermo de mundo;
corro ao redor de mim e me desvendo
(do ser-nada que escavo e me aprofundo,

como quem aprofunda um jogo imundo
de perder e lograr, em que vai sendo:
em que vai lentamente, escuro e fundo,
sendo sem se tornar, e acontecendo

no escuro de existir: do acaso ao pouso,
da suspensão à queda — como quem
não encontra equilíbrio nem repouso,

porque não há repouso, e o resto é abstruso). —
Num signo me decifro, ignoto e obtuso,
que me diz que sou *Isto* e sou Ninguém.

XXXIX

Esperança de coisa que não veio,
que não se converteu em fato e evento;
mas se anunciou, difusa, em pleno vento —
água escapando à sombra por um veio.

Vontade de alcançar, que se gastou
na véspera do encontro: na antessala
do que talvez pudesse sustentá-la
e, antes de florescida, definhou.

Asa simples subida a grande altura —
ao ponto em que elevar-se era perigo,
era arriscar-se à queda e à profundura.

Joia cara legada ao desabrigo,
exposta à lâmina das abrasões,
à inclemência de chuvas e estações.

XL

E, bêbado de luz, eu me lancei
ao sistema do dia, indecifrado.
E me desfiz de forma e de passado,
entregue todo ao salto que iniciei,

ao fluxo desse mar que naveguei,
do norte do desejo ao corpo dado;
e pelo norte que me foi mostrado
alcancei meu limite e lá parei.

Tornei-me seu espelho e refletia
uma parte que dele me chegava
através de uma porta que eu abria. —

Fui da luz ao sentido, e do sentido
à resposta que o dia antecipava,
entre a noite do sonho e o sol vivido.

XLI

Cansado de mim mesmo, mas sem ter
qualquer alternativa a que me entregue
e em que, como um sonâmbulo, escorregue,
como quem não se lembra de querer

(como quem se recolha ou se renegue
numa fímbria de pasmo e de não-ser
e ali descubra que é possível crer
que a visão lhe acrescente, a luz lhe agregue),

vou às cegas nas horas, palmilhando
um caminho que leve à solução,
e sempre encontro o que não estou buscando.

E o dia se me impõe, numa injunção
que eu tentasse cumprir, inerme e seco —
externo a mim, como um ruído, um eco.

XLII

Prisioneiro de nada, a urdir um plano
que a um país há de levar-me que entrevi
(quando em lúcido acaso o concebi)
no sem-sentido do meu portulano,

me vem às vezes, como por engano,
a veleidade de chegar ali:
e tiro da invenção a luz que vi,
sustendo-me entre o indefinido e o arcano.

Esforço-me, embrenhado entre uma ideia
e outra ideia (no pasmo do intervalo),
por romper esse liame, essa cadeia. —

E, quando vejo o muro à minha frente,
vem-me, sem que eu o entenda inteiramente,
um desejo incoercível de saltá-lo.

XLIII

Dormiu — e então sonhou. — Dormiu profundamente;
e o sonho não mais foi que um desaparecer,
que um sumir-se de si, que um não se conhecer —
desfeitos os sinais em que a rota se mente.

No abismo em que afundou, negra e difusamente,
no fundo dessa paz que existe em se esquecer,
alcançou o que quis, o que não quis querer,
velho de cada solução que o tédio invente.

Foi outro, além — vogando entre mares estranhos,
portos de indecisão e litorais tamanhos
que se abriam na noite entre monções e imagens. —

Nada teve nem viu, e por isso viu tudo —
num exílio em que os sóis recretam só miragens,
em que ter é perder, e dizer é estar mudo.

XLIV

Esquecerei do dia a parte clara,
o chamado, a procura, a profusão.
Deixarei para trás manto e bordão,
ânsia de porto e estrela, visão rara —

e o mais que no futuro se prepara:
a negaça do beijo, a confissão
que em segredo se faz, e o mais que dão
as honras com que o tédio se mascara.

Caminharei para algum norte obscuro
que se divisa ao fundo do futuro
e chegarei, como a um final de estrada,

a uma hora de ansiedade sopitada,
de desejo aplacado e alma suspensa
que a noite me dará por recompensa.

XLV

Não sou bom, não sou nada, não sou nem,
não sou quem já duvida, ou acredita:
não sou sequer a pista de ninguém
que um louco perseguisse, de alma aflita.

Não sou, no horror da noite alta e infinita,
em que o esperado já não surge ou vem,
um palhaço a fingir-se de Um e Alguém —
na mímica improfícua em que se agita.

Vivo de ser externo, dividido
entre o sol que renasce e a treva finda:
a demandar um trapo de sentido

onde o sentido não surgiu ainda:
de ser o que o erro da intenção concede —
que o ganha menos quanto mais o pede.

XLVI

A treva não foi longa, não foi breve:
foi apenas um mar que não cruzei,
um oceano qualquer que naveguei,
no encalço da visão — que me susteve.

(Foi sol a direção que o sonho teve,
aceso no deserto em que me sei:
do agreste em que, incendiado, me inventei,
tornado ali fadiga, e ao fundo a neve.)

Não foi longa nem toda, e só durou
enquanto havia o impulso, na inquietude
em que a asa da impaciência se agitou:

em que esperar foi porto e foi sentido,
havendo, sempre, um rastro definido
a perseguir, que a treva em nós ilude.

XLVII

Não te excites demais: haverá dia,
e agora é para o sono, o esquecimento.
Não te consumas toda num momento,
no dispêndio e no ardor que só te esfria.

Não te desgastes toda na porfia,
contra uma pretensão do pensamento,
que após é cinza e ausência, ausência e vento
(como esse que nas telhas assobia).

Reserva-te — resguarda-te, dormindo
o fluxo que na noite não termina,
que um motivo não tem para acabar,

porque já começou depois de findo. —
Dorme a intenção de *quando* e de lugar
que te seduz no escuro, te alucina.

XLVIII

E tudo tão antigo, tão passado,
tão entregue a si mesmo, tão imerso
na água do afogamento, do lembrado —
que o torna mais difícil, mais diverso;

tudo tão pensamento: e esse reverso
do que foi definido e confirmado,
mas se perdeu na confusão do inverso,
como um barco se perde em mar errado.

E por fora, a instigar-nos, o desejo
de uma coisa melhor, mais verdadeira,
sonhada em claro, entre o refluxo e o ensejo:

e o anseio de atingir, que nos revela,
que nos oferta um porto e uma maneira
sobre o rastro apagado de uma estrela.

XLIX

Na metade da sombra me perdi.
Não tinha visto sequer uma parte
entre os trapos da ciência e as ruínas da arte,
quando me entrei pelo que nunca vi.

Não conhecera o que saber reparte
entre a efusão do visto e a cor que vi:
entre escapar ao brilho e estar ali,
preso na luz de que a razão se farte.

Perdi-me na metade, confundido
pela coisa imprecisa que tomei
como expressão do fato e do sentido,

que por sentido e fato não logrei:
e me extraviei na curva do momento,
numa bifurcação do pensamento.

L

Pois que nada findou como eu queria,
desce a noite e seu manto sobre o pasmo
que redundou do antigo entusiasmo,
desfeito no cadinho da porfia.

Na infirme ideia, que me sustentava,
de alcançar o final do mar deserto,
onde o desgarre é um pensamento certo,
minha crença um valor que me amparava,

resta a semente que ali se guardou
de uma suspeita que no turbilhão
se duplicou em sol, se obliterou.

Chegado ao fim do oceano e de ter sido
nele um barco a vogar sem direção,
cresce um despeito em mim, como um vagido.

2005/2006

Sobre o Autor

Renato Suttana (n. 1966) é escritor, tradutor e professor universitário. Mantém na internet o site *O Arquivo de Renato Suttana*, onde publica textos de sua autoria e de outros autores.

Publicou, além de ensaios, narrativas e traduções, os seguintes livros de poesia: *Visita do Fantasma na Noite* (2002), *Bichos* (2005), *Lâmina (e outros poemas)* — ebook (2006), *O anjo de amanhã* — ebook (2007), *Num Círculo do Sol* — ebook (2009), *Fim do Verão* (2009), *Qualquer Um* (2010), *Bicicletas* — ebook (2010), *Coroa de Ruídos* — ebook (2010), *Outros Bichos* (2011), *Conversa de Espantalhos* (2012), *Opinionautas I e II* (2012), *Bichos Imaginários* (2013), *Diário de Buenos Aires* — ebook (2013) e *Rapinário* (2015).

